

Rodrigo Avila Colla



Rede Municipal de Ensino de Esteio - RS
rodrigo.a.colla@gmail.com

Submetido em: 06/06/2022

Aceito em: 26/07/2022

Publicado em: 31/08/2022

 [10.28998/2175-6600.2022v14n35p612-617](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n35p612-617)



HERMANN HESSE: A MAGIA DE UMA INFÂNCIA

RESUMO

O presente texto consiste numa resenha do livro *A Infância do Mago*, de Hermann Hesse, escritor alemão que venceu o Prêmio Nobel de Literatura de 1946. Discute-se o retrato da infância do autor bem como suas reflexões sobre educação por meio dos relatos autobiográficos presentes na obra.

Palavras-chave: A Infância do Mago. Hermann Hesse. Literatura Estrangeira. Infância e Educação. Memórias de Infância.

HERMANN HESSE: THE MAGIC OF A CHILDHOOD

ABSTRACT

The present text consists of a review of the book *Childhood of the Magician*, by Hermann Hesse, a German writer who won the Nobel Prize for Literature in 1946. The portrait of the author's childhood is discussed, as well as his thoughts about education through the autobiographical reports present at work.

Keywords: Childhood of the Magician. Hermann Hesse. Foreign Literature. Childhood and Education. Childhood Memories.

HERMANN HESSE: LA MAGIA DE UNA INFANCIA

RESUMEN

El texto consiste en una reseña del libro *Infancia de un Mago*, de Hermann Hesse, escritor alemán ganador del Premio Nobel de Literatura en 1946. Se comenta el retrato de la infancia del autor, así como sus reflexiones sobre la educación a través de los relatos autobiográficos presentes en el trabajo.

Palabras clave: Infancia de un mago. Hermann Hesse. Literatura extranjera. Infancia y Educación. Recuerdos de la infancia.

1 APRESENTAÇÃO

Hermann Karl Hesse nasceu em Calw, na Alemanha, em 1877, numa família pietista¹. Quando jovem, seguindo a tradição familiar, Hesse estudou teologia. Contudo, ele abandonou o seminário por não aguentar a rigidez disciplinar. “No ginásio”, relata Carpeaux (2010, p. 48), “revoltou-se contra o ensino nacionalista. Fugiu para a Suíça, onde se empregou numa livraria e publicou os primeiros livros”. Em 1923, Hesse se naturalizaria suíço. Em 1946, ganhou o prêmio Nobel de Literatura. Até hoje Hesse é um dos escritores alemães mais lidos em todo mundo, sendo o autor de clássicos como *O Lobo da Estepe* (1927), *Sidarta* (1922) e *O Jogo das Contas de Vidro* (1943). Segundo Carpeaux (2010, p. 49), “toda a vida de Hesse, até o último dia, foi uma série de fugas. E cada uma dessas fugas foi uma revolta: contra a casa paterna; contra o cristianismo; contra escola; contra a vida burguesa; contra a guerra e contra o nacionalismo”. “A rebelião de Hesse”, prossegue Carpeaux (2010, p. 50), “tem causa: é a paz do mundo, a externa e a interior”.

Nesta resenha, nos propomos analisar aspectos referentes à infância de Hermann Hesse, narrados por ele em *A Infância do Mago*, um opúsculo que coloca em evidência as lembranças de seu tempo de criança. Na obra autobiográfica, Hesse (2010) faz jus à noção de memória descrita por Pierre Nora (1993). Segundo este, “ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (NORA, 1993, p. 09). Em nossa análise, eventualmente promovemos diálogos com a literatura educacional sobre infâncias e discutimos a importância de vivenciá-las respeitando as particularidades do universo infantil.

No livro resenhado, Hesse (2010) apresenta aspectos interessantes de sua infância e relewa os germes de um espírito inquieto e sonhador. Mais do que isso, a obra ajuda a pensar a infância como um período repleto de fantasia e encantamento que, com o passar do tempo, vão esmorecendo. O consagrado escritor era um menino imaginativo, que queria ser mágico. O que o garoto não sabia, é que já o era.

¹ O pietismo foi um movimento iniciado pelo teólogo alemão Philip Jacob Spener (1635-1705), no século XVII, que teve sua origem no luteranismo. Essa linha do cristianismo é caracterizada pela valorização das experiências individuais dos fiéis.

2 A MAGIA DA INFÂNCIA DE HESSE

“Eu tinha um objetivo secreto reservado para o meu futuro. Só desejava uma coisa da vida: queria ser mágico”, declara Hesse (2010, p. 41). Por muito tempo, esse foi seu grande sonho. Porém, em algum momento “começou a perder sua onipotência, encontrou inimigos, dava com obstáculos por toda parte – o real, o sério, o inegável. Pouco a pouco a flor murchou, pouco a pouco o mundo ilimitado ganhou formas limitadas – o mundo real, o mundo adulto” (HESSE, 2010, p. 41).

A biblioteca do avô, para o pequeno Hermann, era um lugar encantado, cheio de magia, onde a sua imaginação podia fluir livremente. “Tudo era repleto de realidade e tudo era cheio de magia”, relewa Hesse (2010, p. 22), “ambas em pé de igualdade, ambas ao alcance da minha mão”. Era lá que ele encontrava um livro de histórias, repleto de figuras coloridas e misteriosas, que o deixava muito intrigado:

Nesse livro havia uma história infinitamente bela e estranha, que eu gostava de ler. Nem sempre eu a encontrava, a ocasião tinha de ser propícia, volta e meia ela sumia sem deixar rastro e não queria aparecer; outras vezes parecia ter mudado de lugar, um dia era de leitura agradável e quase inteligível, outro dia era escura e trancada a sete chaves, como a porta do sótão [...] (HESSE, 2010, p. 22).

O avô era percebido como uma figura mítica pelo neto, um ser quase divino. Segundo o escritor, ele “vivia numa floresta de mistérios, e apenas entrevíamos seu rosto em meio à floresta de barba branca; de seus olhos emanava pesar universal e sabedoria serena, saber solitário e zombaria divina” (HESSE, 2010, p. 25). Ademais, possuía muitas coisas e saberes impressionantes, tais como a biblioteca (crivada de pinturas, imagens e objetos fantásticos e misteriosos) e o conhecimento de muitas línguas, inclusive a dos deuses e das estrelas, conforme acreditava o menino (HESSE, 2010).

Esse poder imaginativo, quase sem limites, inerente à infância, também é relatado por Hesse no que diz respeito a coisas mais banais: “uma cadeira ou banquinho bem conhecidos, uma sombra junto ao forno, um cabeçalho de jornal podiam ser bonitos ou feios ou malvados, decisivos ou banais, nostálgicos ou temíveis, tristes ou ridículos. Nada era firme, fixo, definitivo!” (HESSE, 2010, p. 29). Em tudo, residia um tanto de mistério. Todavia, esses aspectos mágicos não são primazia da infância do escritor. Como destaca Rodari (1982, p. 49),

Para uma criança, o mundo está cheio de objetos misteriosos, de acontecimentos incompreensíveis, de figuras indecifráveis. A própria

presença da criança no mundo é, para ela, uma adivinhação a ser resolvida, que gira em torno dela com perguntas diretas ou indiretas.

“O que se quer ser quando crescer”, assim como outras perguntas que habitam o universo infantil, é um gatilho para inúmeras potências subjetivantes que o infante vive com um vigor mágico. A resposta de Hesse a essa pergunta parece dar indícios de uma criança ciente de tal magia e disposta a vivenciar sua infância vigorosamente. Porém, “entre todos os fenômenos mágicos”, reflete Hesse (2010, p. 29), “o mais formidável e importante era o ‘homenzinho’. Não sei quando o vi pela primeira vez: acho que estivera sempre por ali, acho que viera comigo ao mundo”. O ser imaginário, personagem da infância do autor, “era uma criaturinha cinzenta e obscura, homúnculo, espírito ou duende, anjo ou demônio” (HESSE, 2010, p. 29). “Volta e meia aparecia e caminhava à minha frente”, narra Hesse (2010, p. 29), “em sonho ou em vigília, e a quem eu tinha de obedecer – mais que ao pai e à mãe, mais que à razão e ao medo”. Na análise do escritor, o homenzinho aparecia em momentos de perigo para lhe indicar sinais para que ele conseguisse superar adversidades, consistindo, assim, numa síntese do poder catalisador da magia de sua infância.

3 A PERDA DA MAGIA DA INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO COMO PREPARAÇÃO PARA O FUTURO

Para Hesse, surpreendentemente, a escola não parece ter representado um entrave a sua capacidade criativa e imaginativa. Segundo ele, “a escola tinha o bom-senso de não se importar muito com aquelas habilidades mais sérias e indispensáveis para a vida, mas sobretudo com jogos e brincadeiras que me divertiam bastante” (HESSE, 2010, p. 18). Utilizamos aqui o termo “surpreendentemente” porque, na época em que o autor frequentou a escola, priorizar jogos e brincadeiras em detrimento de “habilidades mais sérias” não era o padrão. Ainda hoje, mais de cem anos depois, o ingresso das crianças no Ensino Fundamental pode representar uma ruptura abrupta com o universo mágico e imaginativo infantil e um vocativo para amadurecer e assumir responsabilidades. No entanto, o “bom-senso” da instituição em que Hesse estudou parece ter sido determinante para que ele usufrísse plenamente da alegria de ser criança, sem que o processo de escolarização lhe tolhesse o caráter fantasioso e criativo.

Snyders (1993, p. 28) considera que é tarefa primordial das instituições escolares “dar pleno espaço às alegrias do presente, ou melhor, criar um espaço pleno, na escola,

para as alegrias do presente”. Prossegue o autor: “Eu gostaria de uma escola onde a criança não tivesse que saltar as alegrias da infância, apressando, em fatos e pensamentos, rumo à idade adulta, mas onde pudesse apreciar em sua especificidade momentos de suas idades” (SNYDERS, 1993, p. 28). Nesse sentido, o desejo do autor é assegurar, por assim dizer, a experiência da magia. Ora, como salienta Rocha (1982, p. 8), a Pedagogia “preocupa-se muito mais com a atenção e a memória do que com a imaginação e a fantasia”. O imaginário social ajuda a avalizar essa visão, uma vez que no senso comum a educação é considerada preparação para a vida adulta e deve apostar na razão em detrimento de outras dimensões formativas. De uns tempos para cá, a literatura educacional dedicada à educação infantil busca modificar um pouco esse panorama, mas, na prática, quando as crianças ingressam no Ensino Fundamental, a tendência continua sendo fazer com que “caiam na real”, abandonem a magia, o encantamento, e aprendam a se comportar, ficar em silêncio, etc. No início do século passado, Benjamin (2017, p. 39) já denunciava “a falsificação do espírito em espírito profissional” nas universidades. Rodari (1982, p. 23), por sua vez, opina que nas escolas há pouca abertura para o riso e considera que “a ideia de que a educação deve ser uma coisa tétrica está entre as mais difíceis de combater”.

Apesar de Hesse (2010) não culpar a escola pela perda da magia de que sua infância era repleta, cabe pensar o encantamento inerente à infância como potência educativa e dimensão a ser contemplada no processo formativo. Na escola, a tendência continua sendo de que “o mundo múltiplo e infinito das coisas possíveis” seja dividido em “campos cercados” (HESSE, 2010, p. 41), obliterando a imaginação e imprimindo limites à multiplicidade do pensamento infantil.

A idade adulta implica assumir responsabilidades que não são exigidas na infância. O amadurecimento, por certo, é necessário para que se faça, gradualmente, a transição de uma fase à outra da vida, mais do que isso, ele é um processo contínuo que integra essa passagem. No entanto, essa trajetória não precisa ser realizada de maneira abrupta e agressiva. Tampouco requer que a criatividade e a imaginação sejam extirpadas do processo formativo que contribuirá com o amadurecimento da criança e com a compreensão das responsabilidades inerentes à vida adulta. Hesse parece ter feito essa passagem de forma gradual e, por que não dizer, inspiradora. Além disso, no fragmento autobiográfico intitulado *A Infância do Mago* o autor reconhece que uma educação adequada à infância deve ter o “bom-senso” de contemplar a ludicidade e, assim, manter a magia da infância acesa. Hesse teve essa sorte e, talvez, em parte por isso, tenha sido

um pequeno mago e, mais tarde, um grande escritor que nos premiou com algumas das mais belas obras da literatura mundial.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2017.

CARPEAUX, Otto Maria. Hermann Hesse por Otto Maria Carpeaux. In: HESSE, Hermann. **A Infância do Mago**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

HESSE, Hermann. **A Infância do Mago**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 07-28.

ROCHA, Ruth. Introdução. In: RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

SNYDERS, George. **Alunos Felizes**: reflexão sobre a alegria na escola e a partir de textos literários. São Paulo: Paz e Terra, 1993.